



## A CULTURA DO GUERREIRO ALAGOANO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

### THE CULTURE OF GUERREIRO ALAGOANO IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: AN INTERVENTION EXPERIENCE IN A SUPERVISED INTERNSHIP

### LA CULTURA DEL GUERREIRO ALAGOANO EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UNA EXPERIENCIA DE INTERVENCIÓN EN LA PRÁCTICA SUPERVISADA

**Gabriel Nunes da Costa • Luiz Eduardo Ferreira dos Santos • Renata Lamenha de Almeida •  
Miráira Noal Manfroi • Silvan Menezes dos Santos**

#### Resumo

Esta pesquisa foi construída a partir das experiências vividas durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar II, componente do sexto semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As intervenções ocorreram com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma instituição de ensino pública e deram origem a um estudo de abordagem qualitativa em forma de relato de experiência de três estagiários, em diálogo com as orientações de dois professores da UFAL, tendo como base os diários de campo produzidos ao longo do período de estágio. O objetivo central deste estudo é refletir sobre as possibilidades de resgate e valorização das brincadeiras populares da cultura alagoana, tendo como foco a manifestação cultural do guerreiro alagoano. Ao longo dos encontros, foram vivenciados elementos simbólicos deste folguedo (fitas, miçangas, espelhos, espada, bolas e chapéu) por meio de brincadeiras, confecção de brinquedos e vivências corporais. Os resultados evidenciaram a importância de aproximar as crianças alagoanas de sua rica cultura dentro do espaço escolar e, especificamente, nas aulas de Educação Física, componente curricular que dialoga diretamente com características marcantes deste folguedo, a dança, o movimento e o brincar. Além disso, o percurso destacou o protagonismo das crianças ao criarem e ressignificarem as brincadeiras a partir dos elementos apresentados. As decisões pedagógicas assumidas ao longo das intervenções evidenciaram uma prática orientada pela escuta e construção coletiva, tanto das crianças quanto dos estagiários, contribuindo para uma compreensão da docência como processo formativo, uma prática pensada e planejada para se adequar ao contexto das crianças.

**Palavras-chave:** Educação Física; Guerreiro Alagoano; Estágio Supervisionado; Relato de Experiência.

#### Abstract

This research was developed based on the experiences lived during the Supervised Internship in School Physical Education II, a course offered in the sixth semester of the Physical Education Teacher Education Program at a public educational institution. The interventions were carried out with children from the early years of Elementary School and resulted in a qualitative study structured as an experience report written by three trainee teachers, in dialogue with the guidance of two professors from UFAL, based on field journals produced throughout the internship period. The central objective of this study is to reflect on the possibilities of rescuing and valuing popular games from Alagoas' culture, focusing on the cultural manifestation known as Guerreiro Alagoano. Throughout the meetings, symbolic elements of this traditional festivity (ribbons, beads, mirrors, sword, balls, and hat) were experienced through games, toy-making activities, and embodied practices. The results highlighted the importance of bringing children from Alagoas closer to their rich cultural heritage within the school environment and, more specifically, within Physical Education classes, a curricular component that directly engages with key characteristics of this festivity, such as dance, movement, and play. Furthermore, the process emphasized the protagonism of the children as they created and re-signified games based on the elements presented. The pedagogical decisions made throughout the interventions revealed a practice guided by attentive listening and collective construction, involving both the children and the trainee teachers, contributing to an understanding of teaching as a formative process, an intentional and reflective practice designed to respond to the children's context.

**Keywords:** Physical Education; *Guerreiro Alagoano*; Supervised Internship; Experience Report.





### Resumen

Esta investigación fue construida a partir de las experiencias vividas durante la asignatura de Práctica Supervisada en Educación Física Escolar II, componente del sexto semestre de la carrera de Licenciatura en Educación Física de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL). Las intervenciones se llevaron a cabo con niños de los primeros años de la Educación Primaria en una institución educativa pública y dieron origen a un estudio de enfoque cualitativo en forma de relato de experiencia de tres practicantes, en diálogo con las orientaciones de dos profesores de la UFAL, tomando como base los diarios de campo producidos a lo largo del período de prácticas. El objetivo central de este estudio es reflexionar sobre las posibilidades de rescate y valorización de los juegos populares de la cultura alagoana, teniendo como foco la manifestación cultural del guerrero alagoano. A lo largo de los encuentros, se vivenciaron elementos simbólicos de esta manifestación (cintas, cuentas, espejos, espada, pelotas y sombrero) por medio de juegos, confección de juguetes y experiencias corporales. Los resultados evidenciaron la importancia de acercarse a los niños alagoanos a su rica cultura dentro del espacio escolar y, específicamente, en las clases de Educación Física, componente curricular que dialoga directamente con características marcadas de esta manifestación, como la danza, el movimiento y el juego. Además, el recorrido destacó el protagonismo de los niños al crear y resignificar los juegos a partir de los elementos presentados. Las decisiones pedagógicas asumidas a lo largo de las intervenciones evidenciaron una práctica orientada por la escucha y la construcción colectiva, tanto de los niños como de los practicantes, contribuyendo a una comprensión de la docencia como un proceso formativo, una práctica pensada y planificada para adecuarse al contexto de los niños.

**Palabras clave:** Educación Física; *Guerreiro Alagoano*; Práctica Supervisada; Relato de Experiencia.

### INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado em Educação Física é um degrau importante na formação inicial de professores, pois permite o contato direto com o contexto escolar e com as situações reais da prática pedagógica. É nesse período que se passa a vivenciar situações concretas de ensino, de escolhas metodológicas, e imprevisibilidade de todo o contexto escolar, além das relações estabelecidas com as crianças. Nesse sentido, o estágio supera uma ideia de simples observação ou aplicação de conteúdos, e se torna um momento formativo de extrema importância:

[...] o Estágio Curricular Supervisionado se apresenta como espaço/tempo favorecedor para realização do entrelaçamento da formação inicial com a prática profissional, pois é o momento em que os licenciandos têm a oportunidade de se aproximar do professor em ação. Tal aproximação permite aos licenciandos uma resignificação de suas representações a respeito do que configura assumir-se como futuro professor, na medida em que propicia uma ampliação de suas compreensões conceituais acerca de como ensinar e aprender (Oliveira et al., 2021, p. 3-4).

O Estágio, conforme trabalhado neste estudo, é compreendido para além da relevância na formação inicial de docentes. Ele é vislumbrado como espaço de construção de conhecimentos nas/sobre práticas pedagógicas, com vistas a avançar em teorias e conceitos da área, como forma de estabelecimento de via de mão dupla entre escola e universidade, bem como para outras demandas educativas, tal como avaliação e revisão do currículo de formação profissional (Pires, 2012). No presente trabalho, portanto, ele se configurou como contexto para compreendermos as possibilidades de construção pedagógica de estratégias de ação e formação para a vivência de uma brincadeira da cultura popular na Educação Física escolar.





A Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no primeiro ano, tem no brincar um de seus principais eixos de trabalho. É por meio das brincadeiras que as crianças constroem relações, expressam seus sentimentos e ampliam seu repertório motor e cultural: “Permite à criança um livre acesso ao seu processo imaginário e profundidades humanas que vão além do seu desenvolvimento motor, cognitivo e social. Um trajeto que tem o corpo como processo de captação do ‘texto do mundo’ e a porta para dialogar com o interior de seu próprio ‘texto original’ ” (Saura; Meirelles; Eckschmidt, 2015, p. 21). No contexto da nossa área e de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em relação ao brincar e às demais práticas corporais:

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola (Brasil, 2018, p.213).

Especificamente na etapa escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as experiências corporais lúdicas assumem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Respeitando as características da infância, possibilitam vivências de diálogo com o cotidiano e os interesses das crianças.

Nesse sentido, ter brincadeiras da cultura popular como parte de um planejamento de aula configura-se como um conteúdo de suma importância para a Educação Física Escolar, principalmente quando se considera o contexto local no qual as crianças estão inseridas. Na perspectiva da localidade onde se desenvolveu o presente estudo, o Referencial Curricular de Alagoas (RECAL) destaca que, na construção do planejamento, é possível incorporar características locais, tais como brincadeiras da cultura popular alagoana, favorecendo vivências significativas aos estudantes (Alagoas, 2019).

Além disso, inserir as culturas populares no ambiente escolar contribui para que as crianças reconheçam elementos socioculturais presentes em sua vivência. Nessa perspectiva, em diálogo com o documento norteador das ações pedagógicas no município onde desenvolvemos o trabalho, destaca-se:

[...] a importância de reconhecer, na dimensão local, as manifestações culturais, os folguedos e outras expressões da cultura popular como partes indissociáveis da identidade cultural, de modo a estimular a consciência sobre a própria cultura e fortalecer o sentimento de pertencimento e afirmação identitária das crianças, especialmente frente às transformações culturais do mundo contemporâneo (Maceió, 2020, p. 229).

A construção desse estudo desde o início, antecedendo as intervenções do Estágio supervisionado, exigiu um planejamento articulado e com intencionalidade pedagógica. O planejamento educacional assume papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é ele que guia as





etapas da prática pedagógica (Lopes *et al.*, 2016). O processo de planejar as intervenções, neste caso em tela, começou sua construção a partir de diálogos com a coordenação pedagógica da instituição educativa onde elas ocorreram. O intuito foi entender as propostas previstas pela escola para as turmas e alinhá-las com as nossas intenções pedagógicas para a Educação Física escolar na referida etapa de ensino. Isso possibilitou que as intervenções dialogassem diretamente com os projetos desenvolvidos pela escola, os quais apresentavam a intenção de trabalhar temas relacionados à cultura regional e à identidade do estado de Alagoas.

A proposta de trabalhar a cultura do Guerreiro Alagoano na Educação Física Escolar surgiu não apenas como uma escolha temática, mas como uma tentativa genuína de aproximar a área de uma expressão da cultura regional de grande importância, valorizando elementos do Guerreiro e colocando um sentido formativo às aulas. Pensar o Guerreiro na escola também significa reconhecer a criança como protagonista, que aprende, cria e se expressa por meio das brincadeiras populares, como destacado no trecho de Silva (2022, p. 877):

Considero as brincadeiras populares como um tema relevante para as áreas das artes e da educação. Tais práticas performativas podem ser entendidas como um conjunto de ações estético-poéticas, que envolvem a dança, a música, as artes cênicas e visuais, promovendo as vivências lúdicas ou brincadeiras oriundas da cultura popular, que são praticadas nas comunidades pelos mestres e os brincantes e nas escolas brasileiras pelos professores e estudantes nas práticas educativas.

É perceptível que as brincadeiras populares têm perdido espaço no cotidiano das crianças. Diferente de outros tempos, não é comum ver um grupo de crianças ocupando as ruas com brincadeiras tradicionais. São evidentes mudanças significativas nas formas de brincar, que também ocorrem devido ao contexto da globalização econômica e mundialização da cultura (Pires, 2002), bem como da vida hiperconectada contemporânea (*The Onlife Initiative*, 2015), que contribuem para o apagamento dessas brincadeiras. Nesse cenário, torna-se cada vez mais comum o contato com brinquedos prontos e aparelhos eletrônicos que, em muitos casos, exigem menos envolvimento, tempo e troca do que a vivência das brincadeiras populares que passam de geração a geração (Santos; Araújo; Santos; 2022). Com isso, destaca-se a importância de resgatar as manifestações culturais de tradição popular nas aulas de Educação Física Escolar, possibilitando que as crianças tenham contato com as práticas constituintes da sua história e da cultura local.

O Guerreiro é um folguedo tradicional alagoano que integra o conjunto das manifestações da cultura corporal brasileira. Este folguedo é compreendido como uma ressignificação do Reisado,





diferenciando-se por uma quantidade maior de personagens e entremeios. Originado na zona rural e nos engenhos, o folguedo foi posteriormente integrado ao meio urbano, ampliando sua permanência cultural (Souza, 2019).

O Guerreiro ganha destaque também por sua riqueza estética. Os trajes utilizados pelos brincantes são marcados por uma grande variedade de cores, brilhos, espelhos e adornos, juntamente com a empunhadura de espadas, construindo uma identidade visual própria que chama a atenção de quem assiste e reforça o caráter simbólico do folguedo. Essa diversidade estética também se reflete na presença de vários personagens, cada um com funções e significados específicos dentro da brincadeira. Nesse contexto, a figura do Mestre ocupa uma posição central na organização da brincadeira, sendo responsável pela orientação dos passos e danças que conduzem as apresentações, além de guiar os meios e entremeios que dão forma a esse folguedo (Souza, 2019).

Entre os diversos elementos que compõem o Guerreiro Alagoano, o chapéu ganha destaque, aquele utilizado pelos mestres e mestras, sendo reconhecido como o principal símbolo da manifestação:

[...] o chapéu de Guerreiro afirma, sem dizer uma palavra, que se está em território alagoano. O adereço é ícone soberano, de beleza estética original, facilmente apropriado pela sociedade, por governantes e artistas. Mas o chapéu é uma parte de um todo muito maior: uma manifestação, uma prática cultural que surgiu e ganhou seus contornos em Alagoas, que envolveu sonhos e dedicação de gerações de alagoanos, que foi construída, renovada, apropriada e até usurpada ao longo dos seus quase 100 anos de existência (Muniz, 2023, p. 13).

No contexto escolar, os elementos simbólicos do Guerreiro possibilitam a criação de experiências corporais significativas. Para processos de ensino-aprendizagem na Educação Física, portanto, especialmente por meio de jogos e brincadeiras, elas envolvem movimento, imaginação e interação social.

Neste contexto até aqui descrito de elaboração de reflexões e conhecimentos advindos de uma experiência formativa de estágio supervisionado, de trabalho pedagógico com brincadeiras da cultura popular e de atuação da Educação Física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental, torna-se importante esclarecer que o ponto de partida deste trabalho é a ideia de ampliação do entendimento da nossa área como constituinte do campo da linguagem nos documentos referenciais e normativos, especialmente na BNCC (Brasil, 2018). Convergimos com Oliveira *et al.* (2021, p. 2) de que “[...] precisamos avançar em relação às concepções que entendem as linguagens como um processo unicamente de escrita e oralidade”. Ou seja, desenvolvemos a experiência formativa e pedagógica com a expressão da cultura popular do Guerreiro Alagoano tendo como pressuposto a possibilidade de explorarmos as múltiplas





linguagens, para além da hegemonia verbal (oral e escrita). Consideramos, portanto, a sua multimodalidade nas suas dimensões visuais, gestuais, espaciais, sonoras, táteis e de si mesmo, tal como sugerido por Oliveira *et al.* (2021) quando analisam as habilidades prescritas para a Educação Física no Ensino Fundamental na BNCC.

Manuseamos, nesta investigação, as múltiplas linguagens como orientadoras teórico-práticas do trabalho pedagógico com a manifestação da cultura popular no contexto da Educação Física escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Elas foram operadas desde os momentos de planejamento dos objetivos e procedimentos metodológicos das aulas realizadas, até a fase avaliativa do processo de ensino-pesquisa-formação do desenvolvimento final do estágio supervisionado, resultando neste relatório de pesquisa. Este manuseio teórico-metodológico de tal perspectiva multimodal das linguagens na Educação Física escolar visa contribuir com o amadurecimento, a ampliação e a criticidade da compreensão do porquê estarmos posicionados na área da linguagem nos documentos normativos e de como, pedagogicamente, podemos potencializar este fato, produzindo caminhos possíveis para se trabalhar, como neste caso em tela, com brincadeiras da cultura popular local, assim como previsto na BNCC.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de resgate e valorização das brincadeiras populares da cultura alagoana no contexto da Educação Física escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo como foco a manifestação cultural do Guerreiro Alagoano. Ao longo do texto, busca-se evidenciar como a inserção desse folguedo no espaço escolar pode contribuir para aproximar as crianças de elementos e das linguagens expressivas da cultura popular local, fortalecendo vínculos com a identidade cultural e ampliando as experiências corporais e simbólicas vivenciadas nas aulas de Educação Física.

## METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa educacional, de abordagem qualitativa, desenvolvida na forma de relato de experiência. Ela não se limita a registrar acontecimentos, mas busca compreender os processos vividos e as relações estabelecidas no espaço educativo. Como destaca Marques (1997) a pesquisa educacional qualitativa nos chama a olhar para as pessoas que fazem parte das instituições educacionais no seu papel e na sua integridade: o que pensam, o que fazem e como o fazem, suas visões, sentimentos e suas relações, aproximando-nos das pessoas que constroem o cotidiano escolar.





Nosso olhar se voltou para dentro da escola e para a forma como cada criança se relacionou, agiu e participou do ambiente de ensino-pesquisa. Entendemos que esses elementos ajudam a mostrar como a prática educativa aconteceu e como o processo de intervenção foi se desenvolvendo durante as semanas, especialmente nas relações construídas com a cultura regional que foi apresentada nas aulas.

Esta pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência construído a partir das ações realizadas no Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), organizando e apresentando o percurso desenvolvido durante os meses de intervenção, com destaque para as decisões pedagógicas tomadas e sua contribuição para a compreensão da prática educativa vinculada ao tema do Guerreiro Alagoano. Esse tipo de estudo, fundamentado na experiência vivida, dialoga diretamente com Antunes (2014), que descreve o relato de experiência como uma forma legítima de investigação quando apresenta de maneira atenta e sistemática um fenômeno observado em seu contexto real, reconhecendo as escolhas, limites e perspectivas de quem conduz a intervenção.

Elaboramos este estudo em formato de relato de experiência considerando os quatro tipos de descrição conforme sugerido por Mussi, Flores e Almeida (2021): a referenciada; a informativa, a dialogada; e a crítica. As descrições referenciadas foram aquelas embasadas em obras científicas, assim como fizemos com as nossas compreensões de estágio supervisionado, de trabalho pedagógico com brincadeiras da cultura popular, bem como da noção de linguagens na Educação Física. As descrições informativas foram as de caracterização do cenário do estudo, tal como o passo a passo realizado nas aulas, os temas e recursos manipulados, os princípios pedagógicos norteadores da experiência e o contexto em que ela ocorreu. As descrições dialogadas são aquelas presentes, sobretudo, nos comentários analíticos sobre os significados da experiência relatada. Por fim, as descrições críticas são aquelas relacionadas às reflexões sobre as ações, destacando especialmente limites e potencialidades do processo analisado para contribuir com o campo acadêmico-profissional a que se dirige.

As intervenções ocorreram nos meses de setembro a novembro de 2025 durante semestre letivo, sendo realizadas na quadra poliesportiva do Instituto de Educação Física e Esporte (IEFE/UFAL). Os participantes das intervenções foram duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola vinculada à universidade. A turma do período matutino era composta por 14 crianças, e a do período vespertino contava com 15 crianças.





Os registros das intervenções foram produzidos através de diários de campo, que “[...] facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição ele é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro” (Campos, 2021, p. 103). A escrita e leitura do diário, ao atuar na produção da atenção, reconfigura a relação com o tema de pesquisa e mobiliza memórias relacionadas. Foram elaborados ao final de cada aula, por cada estagiário, considerando relatos coletivos das reuniões de planejamento e de registros fotográficos, sempre preservando a imagem das crianças. Esses instrumentos permitiram documentar a regência pedagógica, aprofundar as reflexões acerca de cada intervenção e acompanhar as expressões de cada criança.

## ACHADOS DA EXPERIÊNCIA

### Construindo a proposta: planejamento

Inicialmente foram planejadas três intervenções com o objetivo de conhecer as crianças e suas experiências prévias, considerando que esta seria sua primeira vivência com a Educação Física Escolar, visto que no estado de Alagoas não há professores de Educação Física atuando na Educação Infantil na rede municipal. Ao término dessas intervenções iniciais, com todas as observações devidamente registradas, realizou-se a primeira reunião pedagógica, com a participação dos professores supervisores e dos estudantes/estagiários, na qual analisamos o planejamento mensal elaborado pelas professoras de ambas as turmas, que foi disponibilizado pela escola com o objetivo de alinhar os temas trabalhados em sala de aula com as intervenções propostas. Identificou-se a presença de conteúdos que abordavam contextos culturais significativos, buscando promover o sentimento de orgulho pela identidade alagoana. Diante disso, optou-se por incorporar elementos simbólicos do Guerreiro Alagoano como eixo temático das intervenções, por meio de brincadeiras, conteúdo da Educação Física presente na BNCC.

Contextualizando a escolha deste eixo temático, na primeira semana, quando ocorreu a reunião, estabelecemos uma sequência de intervenções semanais, que trouxessem elementos simbólicos do Guerreiro Alagoano, descritos no Quadro 1. Os materiais utilizados traziam referências aos trajes e implementos do Guerreiro Alagoano. Foram fitas, miçangas, espelhos, espadas e bolas. A cada semana, um plano de aula era elaborado tendo um desses objetos como elemento central.





**Quadro 1** - Planejamento de aula para as turmas do 1º ano do ensino fundamental

	Tema/ Elemento	Brincadeiras	Procedimentos
Momento 1	Fitas	Desenhando com as fitas	Fitas de cetim e de papel crepom de diversas cores foram posicionadas no chão da quadra. As crianças visualizavam imagens de formas geométricas posicionadas no chão e formavam os desenhos com as fitas.
		Confecção dos balangandãs	Foi disponibilizado fitas de papel crepom de diversas cores. As crianças escolheram as cores para montar seu próprio balangandã com as fitas.
		Passa-fita	A proposta foi utilizar fitas elásticas como vagões de trem. Cada criança representava um vagão e, ao decorrer da brincadeira, uma por uma entrava dentro deste elástico fazendo a junção dos vagões de trem.
Momento 2	Miçangas e brilhos	Construindo um colar	As crianças entraram em uma teia de aranha feita de cordas, dentro dessa teia havia objetos grandes que ao juntar, formavam um grande colar com brilhos e miçangas.
		Confecção das pipas	Foi distribuído materiais para confecção de pipas, permitindo que as crianças escolhessem o formato e a decoração. Utilizando papéis de seda, lápis de cor, glitter e lantejoulas elas desenharam em suas pipas.
Momento 3	Espelhos	Espelho em movimento	O espelho foi um elemento representativo de imagem, onde o estagiário realizava um gesto ou movimento, e as crianças reproduziam este gesto, além disso, as crianças também criavam sequência de movimentos para as demais repetirem.
		Desenhando com os sentidos	As crianças fizeram duplas e uma delas realizava movimentos com as mãos nas costas da outra formando um desenho. A criança à frente espelhava o desenho e tentava reproduzir esse movimento de desenho em um papel com lápis.
Momento 4	Espada do guerreiro	Duelo de espadas	A espada foi inserida para a realização de um combate, onde cada criança tinha o objetivo de desarmar sua dupla, tirando sua espada, além disso, uma música do Guerreiro alagoano tocava durante o duelo.
		Corrida coletiva	A brincadeira funcionava como uma corrida de revezamento. As crianças utilizaram a espada confeccionada com graveto e papel EVA pelos estagiários. Com a espada em mãos, uma criança corria até a outra para bater suas espadas, tornando a intencionalidade da brincadeira cooperativa.
Momento 5	Bolas	Corrida de equilíbrio	Bolas conhecidas como “dente de leite” foram equilibradas por duplas de crianças de formas diferente (com a cabeça, com os pés, com a barriga)
		Queimado	Brincadeira em grupo, com duas equipes mistas em lados opostos da quadra. O objetivo era acertar a bola na equipe adversária até que não sobrasse ninguém.
Momento 6	Chapéu do guerreiro	Pega-pega com chapéu	Foram entregues alguns chapéus e durante a brincadeira pega-pega, as crianças com chapéu tentavam pegar as crianças sem chapéu. Ao mesmo tempo que o ‘pega’ tentava pegar os demais, ele também tinha o objetivo de proteger seu chapéu.
		Construção do chapéu do guerreiro	Foi posicionado no chão da quadra elementos como brilhos, fitas, espelhos, lantejoulas, para que as crianças confeccionassem seu próprio chapéu de cartolina, que já havia sido previamente cortada no formato do chapéu do Guerreiro alagoano. Após todos finalizarem, as crianças assistiram ao vídeo de dança do Guerreiro.

Fonte: construção dos autores





É importante ressaltar deste planejamento que a organização do quantitativo de momentos esteve condicionada às datas disponibilizadas pela escola e pela universidade para a realização dos encontros semanais com as turmas. Portanto, o conjunto de brincadeiras e os procedimentos metodológicos foram mobilizados de acordo com as possibilidades espaço-temporais da situação de ensino-aprendizagem.

## Decisões pedagógicas e a compreensão da prática educativa vinculada ao tema do Guerreiro Alagoano

### Encontro 1 – Fitas

O primeiro encontro teve como elemento a fita, presente nos chapéus e trajes do Guerreiro Alagoano. A aula iniciou-se com uma roda de conversa, seguida de uma proposta de adivinhar o que havia dentro de uma caixa. O objetivo era apresentar o elemento do dia, ou seja, dentro dela havia fitas e as crianças só puderam confirmar as hipóteses criadas quando terminou de passar pelas mãos de todas e uma estagiária a abriu. Ela foi utilizada como um recurso para estimular a curiosidade e criar hipóteses. Em seguida, foram propostas brincadeiras com fitas de cetim e de papel crepom.

Ao longo do encontro, as crianças demonstraram curiosidade acerca das propostas que levamos a elas. Uma delas foi a brincadeira intitulada como 'Desenhando com fitas', na qual utilizamos fitas de cetim e papel crepom em formato de fitas. Nessa brincadeira, todas corriam até o local onde as fitas estavam dispostas, escolhiam as cores que desejavam e utilizavam o material para formar, no chão, a figura pedida, uma forma geométrica, um número, estrelas, corações, criando-a da maneira que achassem melhor.

Ao decorrer da brincadeira nós mudávamos os comandos. Um momento que elas gostaram foi quando pedimos para elas desenharem com as fitas a primeira letra do nome delas. Sem pedir, elas começaram a escrever o nome completo. A todo momento, cada uma delas chamava eu e o outro estagiário para que olhássemos como elas tinham escrito seus nomes (Diário de campo, Estagiário G, 2025, p. 68).

Ainda no que diz respeito às manifestações das crianças, surgiram situações de conflito e desafios dentro das brincadeiras. Um exemplo ocorreu durante a realização da brincadeira "passa-fita". As crianças se posicionavam uma atrás da outra dentro da fita de elástico, em fila, simulando os vagões de um trem. Na medida em que as crianças entravam dentro da fita de elástico, mais vagões eram adicionados. Em meio a explicação da brincadeira, as crianças tentavam adivinhar como iria funcionar,





“[...] uma delas falou ‘ah tio, eu já sei como vai ser, a gente vai ser aquilo que fica na roda do trem né? Que sobe e desce’. Era exatamente nossa proposta” (Diário de campo, Estagiário G, 2025, p. 68).

Em um desses momentos que antecederam o início dessa brincadeira, as crianças já não seguiam mais as orientações e passaram a interagir entre si, ficando dispersas, o que ocorreu principalmente porque começaram a se empurrar e a utilizar as fitas elásticas para acertar umas nas outras. Diante dessa situação, foi necessário interromper a atividade para um momento de diálogo, no qual conversamos com as crianças e um dos estagiários “[...] reforçou a ideia dos combinados feitos nas aulas anteriores, reforçando a importância de se respeitarem, de brincarem juntos [...]” (Diário de campo, Estagiário L, p. 106).

Por mais que tenham aparecido alguns desafios, foi interessante poder acompanhar as crianças construindo balangandãs, brinquedos feitos com fitas de papel crepom presas a um ponto central para dar firmeza. Durante o momento de construção, uma conversa chamou atenção dos supervisores e dos estagiários, que acabou por ajudar na construção da proposta de aula do encontro seguinte, conforme o diário de campo:

[...] uma criança corria pelo espaço dizendo que estava soltando pipa, e me pediu ajuda para amarrar o barbante no balangandã. Quando ele disse que estava soltando pipa, a professora M perguntou ‘porque a gente diz que vai soltar pipa se a gente fica segurando ela?’, a criança tentou explicar que o que a gente segura não é a pipa e sim a linha, por isso estamos soltando a pipa e segurando a linha. (Diário de Campo, Estagiária R, 2025, p. 131).

Ao final deste encontro, quando as crianças haviam se retirado, conversamos que seria interessante trazer a construção de pipas, pois além de ser uma brincadeira da cultura popular, poderiam ser construídas com brilhos, próximo elemento constituinte do Guerreiro a ser desfrutado com as crianças conforme o nosso planejamento. Aqui observamos a importância da escuta atenta das crianças, que segundo Silva (2025, p. 1004): “[...] se traduz em ações concretas como rodas de conversa, registro das falas infantis, escolha compartilhada de brincadeiras, tempo para o livre brincar e valorização das produções das crianças”. Além disso, traz a possibilidade de construir um caminho dialógico dos objetivos criados pelos estagiários e supervisores com os desejos e expressões do grupo de crianças que estávamos trabalhando.

Nesta experiência do primeiro encontro, tal qual o desenhamos e ele se concretizou na prática, observamos como a proposta e operacionalização de manuseio de diferentes fitas, para diversificadas finalidades, nos permitiu compreender, com as crianças, a relação estabelecida por elas com





o tema/elemento da aula. Na perspectiva das múltiplas linguagens, acabamos por explorar não somente o sentido lato (oral e escrito) do elemento fita, mas também uma possível visualidade dele na composição do balangandã e uma das suas possíveis representações táteis quando configurado/utilizado como elástico. Apostamos, neste caso, em um procedimento pedagógico que se manifestasse em um ensinar e aprender menos literal, ou seja, de não asseverar “o que é uma fita” e “o que são as fitas no Guerreiro Alagoano”. Desenvolvemos um processo de ensino-aprendizagem voltado para a potencialização da memória linguística das crianças com base no prazer, na satisfação, na curiosidade e na beleza do relacionamento com aquele objeto/tema presente na linguagem da brincadeira popular em foco, em suma, a partir de um transbordamento inicial dela para outros elementos lúdicos.

É importante reconhecer que neste momento da experiência, ainda em construção e em andamento, o trabalho com a significação por associação de elementos constituintes do Guerreiro Alagoano configurou-se como uma aposta teórica na multimodalidade da linguagem (Oliveira *et al.*, 2021). Ressaltamos, portanto, o valor do estágio supervisionado como este espaço formativo-experimental de elaboração e produção de conhecimentos entre universidade e escola. Não tínhamos como saber se as crianças efetivamente lembrariam e associariam a primeira aula com as fitas quando elas fossem retomadas na culminância final da unidade didática, quando da confecção dos seus chapéus para dançarem e brincarem de Guerreiro Alagoano. Demonstraremos a ocorrência desta reminiscência das linguagens associadas às fitas na descrição do último encontro da experiência.

## **Encontro 2 - Miçangas e brilhos**

No segundo encontro estiveram presentes os brilhos e miçangas. Os estagiários montaram uma cama de gato com barbante. No chão, no espaço ocupado pela cama, espalharam objetos com formato redondo com um furo no meio, dando alusão a grandes miçangas. As crianças deveriam adentrar a cama de gato, se equilibrar, desviar dos barbantes, agachar e pegar uma miçanga por vez, sair da cama e correr até a outra extremidade da quadra, onde havia um fio. Lá elas deveriam passar o fio no furo da grande miçanga, formando um colar. Esse movimento se repetiu até que as crianças pegassem todas as miçangas. Ao final puderam olhar o colar construído coletivamente.

Depois deste momento convidamos as crianças a utilizarem miçangas menores e brilhos na construção de suas pipas. Durante a confecção, algumas das crianças corriam até os estagiários para contar que já sabiam como seria a brincadeira, relatando experiências anteriores com pipas e dizendo que já





havam soltado ou que tinham pipa em casa. De acordo com o relato de um dos estagiários, “Uma das crianças disse que amava pipa e que ia fazer outra nesse dia, porque tinha perdido a dela” (Diário de campo, Estagiário L, 2025, p. 108). Por meio desse trecho, é possível perceber a relevância do resgate da confecção de brinquedos que remetem a algo marcante na infância.

A partir dessas falas, as crianças começaram a observar o espaço da quadra e a conversar entre si sobre a possibilidade de soltar pipa naquele local: “[...] uma delas percebeu que havia alguns espaços abertos da parte de cima da quadra e então disse que era possível sim, porque o vento entrava por ali.” (Diário de Campo, Estagiária R, 2025, p. 134).

Além disso, durante o processo de confecção, as crianças passaram a sugerir e experimentar diferentes formas de decorar as pipas, utilizando os materiais disponíveis de maneira criativa:

[...] as crianças puderam confeccionar sua própria pipa. Uma das meninas me pediu para colocar o glitter em cima de uma folha para que ela colocasse a mão e desenhasse a na pipa. Três meninas olharam isso e também pediram para fazer igual. Outra menina me chamou e disse que faria o nome dela com glitter, então pediu para que eu colocasse cola na seda da pipa para que ela fizesse a inicial do seu nome, a letra “L” (Diário de campo, Estagiário G, 2025, p. 70).

Neste dia havia outras atividades planejadas, mas as crianças se mantiveram atentas aos detalhes de suas pipas, então o planejamento precisou ser flexibilizado. A maioria delas conseguiu sair com a pipa e a rabiola finalizadas, outras levaram alguns materiais para terminarem em casa. Interessante notar que as atividades manuais e de criação são muito bem acolhidas por essas crianças. Enquanto estagiários olhamos para o planejamento e para o que estava acontecendo na aula, entendemos que o tempo precisava ser alargado para a construção da pipa e esse momento foi fundamental para nos aproximarmos ainda mais das crianças e suas histórias.

Um aspecto neste encontro que nos chamou atenção e que nos ajudou em planejamentos dos encontros seguintes, foi a criatividade das crianças. O momento de confecção da pipa evidenciou algo que já vínhamos percebendo nos encontros anteriores: quando lhes são dadas possibilidades, elas experimentam, combinam cores, utilizam todos os elementos disponibilizados, utilizam brilhos e glitter para desenhar as letras de seus nomes e sugerem formas próprias de confecção. Desta forma, fomos compreendendo que valorizar a criatividade delas exigia menos direcionamento do que fazer e mais escuta, menos condução e mais abertura para que experimentassem, errassem, criassem e refizessem.

A valorização da criança e de seu potencial criativo se manifesta no acompanhar de suas brincadeiras, fantasias, histórias e ideias, envolver-se em sua própria realidade como um todo. Isso não se restringe a momentos isolados de intervenções criativas, mas se





concretiza na construção de um ambiente que prioriza a criança, seus talentos, imaginação e fala (Almeida, 2023, p.10).

Ao olharmos para esses momentos criativos, percebemos que era exatamente isso que estava acontecendo. Ao disponibilizarmos os materiais para que elas criassem seus brinquedos, abrimos espaço para que as ideias delas aparecessem e ganhassem forma. Após a aula, fomos conversando e pensando que mesmo não tratando do Guerreiro propriamente dito, sentíamos que estávamos avançando na aproximação das crianças com os elementos constituintes dos trajes do folguedo.

Neste caso do trabalho com o tema/elemento das miçangas e brilhos observamos, de início, pelo nosso planejamento, como os desprendemos da linguagem fim deste conjunto de aulas, que é o Guerreiro Alagoano, para explorá-los na relação verbal (escrita e oral), visual, tátil e espacial com as crianças protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. A priori, inclusive, entendemos que isso pode sugerir um distanciamento do objetivo original da unidade didática proposta. No entanto, ressaltamos a visualidade do Guerreiro presente na construção do colar e das pipas com as cores dos brilhos e miçangas. Destacamos o contato manual com os brilhos disponibilizados para as montagens e criações das crianças. Chamamos atenção para o estímulo da manifestação de compreensão espacial sobre a relação e as possibilidades de circulação de vento no espaço para o voo das pipas. Ou seja, buscamos e realizamos um processo de aproximação paulatino com a expressão concreta e acabada da cultura popular. As múltiplas linguagens, tal como foram operacionalizadas, nos permitiram construir este caminho por pequenas sínteses dos implementos que preenchem e formam o todo dela.

Como nos termos de Oliveira *et al.* (2021), mobilizamos as múltiplas linguagens para o ensino da linguagem da manifestação popular não somente como presença e justaposição delas no processo do encontro. Elas apareceram em permanente transição, entremeadas, misturadas, mixadas, interconectadas, em ampliação e potencialização das suas possibilidades formativas para a Educação Física escolar (Oliveira *et al.*, 2021). Assim como a brincadeira popular do Guerreiro faz as cores, as miçangas e brilhos brincarem conosco nas roupas e chapéus, mixando corpos, visualidades e tradições, no processo do encontro observamos serem entrelaçados saberes lúdico-corporais das crianças na/sobre a cama de gato e nas/sobre as pipas, com a ludicidade manifesta naqueles mesmos elementos linguísticos tema da aula, promovendo uma aproximação-formação com o objeto de conhecimento fim desta situação pedagógica de Educação Física escolar, a brincadeira da cultura popular local.





### Encontro 3 – Espelhos

Durante o planejamento foram pensadas atividades em que o espelho fosse trabalhado de forma representativa, não apenas como um objeto em si, mas como um elemento simbólico que dialoga com os adornos espelhados presentes na estética do Guerreiro Alagoano. Além disso, a intenção não era limitar o uso do espelho à observação da própria imagem, mas ampliar seu significado a partir da percepção corporal e da relação com o outro. Essa proposta se consolidou por meio de uma brincadeira que envolvia percepção, reprodução de movimentos e desenho. Nessa brincadeira, as crianças foram organizadas em duplas e convidadas a realizar uma massagem relaxante com uma bolinha nas costas do colega de forma cuidadosa. Após esse momento, as duplas realizaram a troca de papéis. Em seguida, cada dupla recebeu duas folhas de papel e dois lápis. Na etapa seguinte, uma das crianças realizava movimentos leves e contínuos nas costas de sua dupla, enquanto a outra, a partir de suas percepções, buscava reproduzir no papel, por meio de desenhos, os movimentos que sentiu.

Para dar início ao encontro foi utilizada a caixa surpresa, onde as crianças abriram de forma individual e dentro havia um espelho. Ao ter em mãos o espelho, as crianças começaram a analisar suas características:

[...] uma que me chamou bastante atenção foi a de uma criança que quando se viu disse “bonito” e completou com “Nossa, sou bonito pra caramba”. Outra criança respondeu: “não é uma pessoa, é um objeto, um objeto que eu posso me olhar.” (Diário de campo, Estagiária R, 2025, p. 136)

Em uma das brincadeiras, as crianças passaram a explorar movimentos corporais de forma espontânea, tendo uma delas sempre como referência para que as outras imitassem suas ações. Os movimentos remeteram a gestos de ginástica, passos de dança que conheciam: “Em um dos momentos, uma menina propôs fazer um espacate e um menino acabou descobrindo que conseguia fazer por completo, porém saiu com dor, pois forçou demais, e em seguida voltou a brincar” (Diário de campo, Estagiário L, 2025, p. 109).

Neste dia, percebemos que, quando a brincadeira tem a finalidade de reproduzir algum movimento ou gesto, na qual a criança pode mostrar o que sabe para os demais colegas, há uma certa empolgação. Isso nos fez perceber que, durante as intervenções, precisamos deixá-las se expressarem mais através do movimento, criando também a consciência de respeitar o próprio corpo e o dos outros. Mediante essas observações, torna-se evidente a importância de sempre se atentar às características e perfis de cada turma, para proporcionar às crianças formas delas se desenvolverem integralmente.





Ao final desse encontro, destacamos a forma como as crianças se relacionam com o próprio corpo. Ao criarem movimentos corporais de diferentes formas, tentando fazer gestos corporais que outra criança faz a sua frente, tornou-se evidente que o corpo não estava apenas para reproduzir e executar um movimento, mas sim um espaço para experimentar algo novo, descobrir suas capacidades motoras e seus limites. Esse momento nos fez refletir que a Educação Física ocupa um lugar insubstituível na formação das crianças no âmbito escolar, justamente por colocar o corpo em um papel importante no processo educativo.

Nessa perspectiva, dialogamos com Fonseca e Bersch (2024) ao compreender que o movimento na infância expressa vivências significativas e constitui uma forma de diálogo com o mundo. Pensar na criança, portanto, é reconhecer um corpo que vive, sente e experimenta, sendo por meio dele que se estabelece o primeiro encontro com o externo e com a própria realidade. Falar de infância é, inevitavelmente, falar de corpo.

Outro ponto a ser destacado é que, ao trazer a valorização do corpo juntamente a uma proposta que tem o objetivo de resgatar uma manifestação cultural, passamos também a legitimar a criança em um lugar de produção de cultura, que cria, recria, e reinventa seu olhar para o que a rodeia. Nessa linha de pensamento, Cohn (2005, p. 35) pontua que, as crianças:

[...] elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto.

Inclusive, nesta perspectiva de autonomia e particularidade cultural das crianças, observamos o processo pedagógico de manuseio do “espelho” material e simbólico nas dinâmicas da aula, potencializando não somente o contato, relação e manifestação espontânea delas com este elemento presente na vida social e no Guerreiro Alagoano. As propostas conduzidas no encontro movimentaram representações gestuais, táteis, visuais e de si mesmos como linguagens disponíveis para a produção e reprodução cultural e corporal delas. Gesticularam movimentos para as/os colegas imitarem e imitaram gestos das/dos companheiras/os de turma. Tatearam, sentiram movimentos nos corpos uns dos outros sob a mediação das bolinhas nas costas, bem como tiveram de reconstituir visualmente tais movimentações apenas sentidas e não vistas por elas/eles. Por fim, foram convidadas/os a se depararem com as suas próprias imagens espelhadas e a espelharelhas com as das/dos colegas. Portanto, mais uma vez, observamos um constructo pedagógico fundado em múltiplas linguagens com vistas ao ensino e aprendizagem de uma determinada linguagem da cultura popular no contexto da Educação Física escolar.





No encontro seguinte, os holofotes de nossa aula foram voltados para a espada e assim seguimos nosso planejamento.

#### **Encontro 4 - Espada do Guerreiro**

Para o encontro com o elemento da espada, foi apresentado às crianças logo no início uma espada real, pertencente a uma figura do Guerreiro Alagoano, a estrela brilhante. Conseguimos essa espada com a professora supervisora, que faz parte de um grupo em Maceió. Fizemos uma roda com as crianças sentadas no chão e cuidadosamente passamos a espada para que as crianças tivessem contato com ela. Em um momento que antecedeu a intervenção, realizamos a construção de espadas para elas. Essas espadas foram construídas com gravetos de madeira, em suas pontas foram colados EVA e amarrado um pedaço de fita.

Uma das brincadeiras, o duelo de espadas, foi pensada como uma forma de aproximar ainda mais as crianças da brincadeira do Guerreiro Alagoano. Para aproximar mais o resgate dessa cultura, utilizamos uma peça, forma como a música é chamada nesta brincadeira, para que as crianças tivessem essa vivência. Além dessa brincadeira, planejamos trazer brincadeiras de correr, algo que as crianças pediam com frequência, e fazer a junção disso com o elemento do dia. Criamos uma brincadeira na qual as crianças seguravam suas espadas dentro de bambolês distribuídos pelo espaço. Ao sinal sonoro, as crianças corriam de um bambolê e, ao encontrar um colega no interior do bambolê, cruzavam as espadas, dando continuidade à brincadeira. Essa proposta tinha como intenção promover uma corrida em formato de revezamento cooperativo, onde eles só completavam essa corrida quando todos tivessem tocado suas espadas na outra. Foi então que, no momento da entrega das espadas confeccionadas, as crianças passaram a fazer algumas associações como relatadas no diário de campo:

Ao ver essas espadas, as crianças associavam com diversas coisas, algumas delas até falaram que parecia um cotonete, devido ao EVA estar nas duas extremidades e ser de cor branca. Uma das crianças empunhou a espada e dizia que parecia uma varinha (Diário de campo, Estagiário G, 2025, p. 71).

As crianças fizeram várias comparações entre a espada apresentada inicialmente e as confeccionadas por nós estagiários, o que gerou questionamentos por parte de algumas delas: “[...] uma criança específica ficou repetindo diversas vezes ‘isso é muito injusto! Essa espada só tem uma fita e a sua tem muitas!’” (Diário de campo, Estagiária R, 2025, p. 139). De fato, a espada do Guerreiro possui muitas fitas próximas da empunhadura. Foi interessante, como estagiários, pensar na sequência de apresentação





dos objetos às crianças no planejamento de uma aula. O fato de termos apresentado a espada logo no início, trouxe dificuldade de as crianças associarem o graveto à imagem de uma espada. Fez refletir em outros materiais que poderiam ter sido usados na construção da espada. As crianças expressaram sua insatisfação com o material ofertado e esse tipo de situação fez com que a gente olhasse com mais delicadeza para o que levar e como apresentar, como fica explícito no seguinte trecho:

Em seguida entreguei a cada uma delas uma espada feita de graveto com duas proteções de E.V.A nas pontas e uma fita amarrada em sua base, inicialmente as crianças não gostaram da ideia e começaram a dizer que a espada era muito feia, chegando a comparar a espada feita pelos estagiários com a espada que mostramos [...] (Diário de campo, Estagiária R, 2025, p. 139).

Destaca-se neste encontro momentos de imaginação por parte das crianças. O brincar simbólico, pontuado por Vygotsky (2007), ficou evidente diante de nós diversas vezes nas observações e intervenções, especialmente no “faz de conta”. As crianças colocaram novos sentidos aos objetos. A partir de um graveto com EVA branco em suas pontas e algumas fitas de cetim, formaram uma espada e trouxeram um leque de possibilidades às crianças. A espada que se tornou um cotonete por conter suas pontas brancas, uma varinha mágica, um duelo de espadas fictícias. Essa forma das crianças atribuírem diferentes significados ao mesmo objeto nos fez perceber que, na infância, o brinquedo não é algo pronto ou fechado em sua forma. Ele ganha sentido na relação que a criança estabelece com ele, a partir de sua imaginação. Nesse sentido:

A criança, ao brincar de faz-de-conta, relaxa do esforço de adaptação ao meio social e age pelo prazer gerado pela brincadeira. Assim, adapta o real às suas necessidades subjetivas no lugar de adaptar-se às exigências do meio. [...] Em situações confortáveis e agradáveis, as crianças procuram ignorar os limites temporais, prolongando o prazer funcional (Feldman; Souza, 2011, p. 32).

Assim, mais do que planejar e conduzir a brincadeira, fomos convidados a aprender com elas, entendendo que a criança vai ressignificar um material ou até mesmo algo de sua imaginação, e atribuir novos sentidos ao que é proposto. Neste processo com o encontro voltado às espadas do Guerreiro, percebemos também a ordem de mobilização das diferentes linguagens como interferente no processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido, sobretudo para com os sentidos pretendidos como resultantes desta construção.

Vimos a associação da expressão oral do termo “espada” com a representação tátil e visual da materialidade literal dela como ponto de partida quase inviabilizar a construção do imaginário das espadas construídas e distribuídas para elas compostas por gravetos e material de E.V.A. Os sentidos se deslizaram em perspectiva lúdica, ganhando outras significações por parte delas, até distanciando-se do





objeto e do objetivo de conhecimento pré-estabelecido por nós. Portanto, apesar de a permanente transição, mixagem e interconexão entre as múltiplas linguagens serem compreendidas como valor pedagógico na perspectiva dos multiletramentos na Educação Física escolar (Oliveira et al, 2021), ressaltamos, a partir desta experiência em tela, sobretudo diante da espontaneidade, autonomia e perspicácia criativa das crianças, que o sequenciamento delas no processo pedagógico pode produzir vias outras de compreensão e assimilação do objeto de conhecimento trabalhado. Isto pode ter determinado, por exemplo, o desejo e a curiosidade por continuarem ou não no processo pedagógico de aproximação e imersão com os elementos do Guerreiro Alagoano.

### Encontro 5 – Bolas

O elemento escolhido para a aula foram as bolas. Um aspecto que contribuiu para essa decisão foi o fato de as crianças, durante as rodas de conversa em que nos sentávamos e conversávamos com elas, questionando sobre o que gostavam de brincar tanto na escola quanto fora dela, responderem a “bola” de forma recorrente. Além da aproximação com as brincadeiras do cotidiano das crianças, o uso das bolas de diferentes cores também foi pensado como uma forma de dialogar simbolicamente com a estética do Guerreiro Alagoano, que apresenta chapéus com adornos circulares, como bolas de natal, que chamam bastante atenção, principalmente, os feitos pelo Mestre Benon.

**Figura 1** – Chapéu de Guerreiro, década de 1940 - 2000, de Mestre Benon



**Fonte:** Museu Afrobrasil Emanuel Araújo.

**Disponível em:** <https://museuafrobrasil.org.br/acervo/chapeu-de-guerreiro-2/>. Acesso em 24 de fev. 2026.





Ao serem questionadas sobre quais brincadeiras conheciam com bola: “o estagiário responsável perguntou às crianças quais brincadeiras as crianças conheciam com bola, e as crianças iniciaram um coro de ‘queimado’” (Diário de campo, Estagiária R, 2025, p. 145), evidenciando que esse tipo de jogo já fazia parte do repertório da cultura corporal deles e, por isso, estava no planejamento deste encontro.

Neste encontro para com o elemento/tema “bolas” observamos o suporte e mediação das múltiplas linguagens também planarem pela objetividade da oralidade e da gestualidade previamente construída em torno delas. Ainda que no horizonte das nossas premissas pedagógicas estivessem a intenção de explorar a relação das crianças com este implemento para, posteriormente, remeter à composição do todo do Guerreiro Alagoano, os sentidos manifestos e trabalhados naqueles instantes do processo da aula de Educação Física se mantiveram restritos aos conhecimentos estabelecidos a priori por elas/eles. Inferimos, neste sentido, a presença e mobilização das linguagens nos procedimentos de ensino-aprendizagem também como espaço de expressão, valorização e afirmação de saberes a priori das/dos estudantes como parte fundante da identificação e apropriação delas/es com o espaço-tempo da Educação Física escolar.

Quando propomos às crianças brincarmos de queimado, especialmente na hora da separação dos grupos foi possível observar algumas manifestações relacionadas à dinâmica entre as crianças:

[...] no momento da separação de grupos, as crianças resistiram a se separar em grupos e só aceitaram quando a divisão foi feita de forma que as meninas fossem um time e os meninos fossem outro. A brincadeira aconteceu de forma divertida e todas as crianças brincaram de forma animada (Diário de campo, Estagiária R, 2025, p. 144)

Essa resistência entre meninos e meninas estava sendo observada ao longo dos encontros, principalmente em brincadeiras que envolviam equipes e competição. Em diferentes momentos, as crianças demonstravam preferência por se organizar a partir dessa separação, o que pedia uma mediação entre nós, estagiários e elas. Nesse momento, ficamos preocupados com o modo como a brincadeira iria se desenvolver, pois relutavam às negociações propostas. Mediante essa situação, surgiu a ideia de que cada estagiário presente participasse dos times ajudando a escolher os membros; depois, deixamos que elas escolhessem trocar os membros do time. A realização de combinados também contribuiu para esses momentos, pois possibilitou um diálogo constante com as crianças, ajudando na flexibilização de acordos mediante as situações que possam surgir durante as brincadeiras.

A criação e utilização desses combinados evidenciaram uma escuta mútua entre estagiários e crianças. Ao ouvir as crianças, e sermos ouvidos por elas, desencadeou um espaço de diálogo que





fortaleceu vínculos e corroborou na mediação de conflitos. Em situações de resistência com brincadeiras onde exigiam formação de grupos mistos, por exemplo, a conversa se mostrou fundamental para dar continuidade no momento.

### **Encontro 6 - Chapéu do guerreiro**

Desde o início do planejamento, foi definido que o encerramento teria como elemento central o chapéu do Guerreiro Alagoano, por se tratar de um objeto de grande representatividade dentro do folguedo. Essa escolha se justifica pelo significado atribuído a esse elemento dentro da manifestação cultural:

[...] dentre todos os acessórios, o chapéu usado pelos mestres e mestras dos grupos é o símbolo de maior representatividade do folguedo. Através do grande chapéu que lembra o formato arquitetônico das Catedrais Católicas, pode-se compreender qual a importância e o sentido do Guerreiro para as pessoas que estão envolvidas direta e indiretamente na brincadeira (Silva, 2015, p. 22).

Parte do planejamento deste encontro foi pensar em brincadeiras que já faziam parte do repertório e do interesse das crianças, como o pega-pega. Dentro desse contexto foi sugerido pelos supervisores do estágio, incorporar o elemento chapéu na brincadeira, trazendo a ideia de forma descontraída. O pegador usava um chapéu, os que estavam fugindo deveriam tentar tirar o chapéu dele, enquanto se esquivavam para não serem pegos.

Após esse momento foi realizada a confecção do chapéu do Guerreiro e, para isso, foram disponibilizados materiais também utilizados em encontros anteriores, como fitas de papel e de cetim, papel crepom, brilhos, miçangas, purpurina e papel laminado, este último escolhido por emitir uma luz que se assemelha a um reflexo, fazendo alusão a um espelho. O processo criativo das crianças era interessante de acompanhar:

O menino decidiu que o chapéu seria do homem aranha, então fez um boneco improvisado com os materiais disponíveis e o colocou no lado direito do seu chapéu. Já a menina estava colando várias pedrinhas na parte inferior do chapéu (Diário de campo, Estagiária R, 2025, p. 148).

Como forma de encerramento, foi utilizado um datashow para a exibição de um vídeo, projetado em uma das paredes da quadra, de crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) dançando o Guerreiro Alagoano. Após assistirem ao vídeo, as crianças vestiram os chapéus confeccionados e participaram de uma vivência final ao som de músicas do Guerreiro, utilizando espadas de brinquedo, emprestadas pelo mesmo CMEI. Essa experiência, de olhar as outras crianças, e por meio da observação





de seus gestos, experimentar brincar de Guerreiro, possibilitou retomar elementos trabalhados em encontros anteriores e estreitar a relação com a manifestação cultural apresentada.

A projeção do datashow foi utilizada como um recurso para mostrar a vivência real do Guerreiro por outras crianças como forma de incentivá-las a experimentar a brincadeira com todos os elementos presentes, a música e os acessórios, vividos ao longo desse período. Posicionadas à frente da tela, ao visualizarem as crianças do vídeo brincando de Guerreiro, foram se levantando pouco a pouco de forma espontânea, algumas até reproduzindo os mesmos movimentos das crianças do vídeo.

A utilização deste recurso em um ambiente fora da sala de aula convencional trouxe uma proximidade com a vivência que queríamos apresentar para elas experimentarem em um local diferente do habitual, entrando em concordância com Freitas *et al.* (2023, p. 386):

Uma influência integral potencial se deve às tecnologias digitais disponíveis que possibilitaram o avanço no design da tecnologia, uma vez que as oportunidades de envolver os alunos com tecnologias não se limitam às salas de aula, mas podem se expandir para várias áreas dentro dos limites do ambiente escolar com a tecnologia móvel, fazendo com que as aulas de Educação Física, por exemplo, se tornassem uma área curricular em que os alunos têm a oportunidade de utilizar componentes digitais em um ambiente fisicamente ativo.

A escolha de trazer a projeção para fora sala de aula na Educação Física foi uma ideia para mostrar que a tecnologia e seus recursos estão para proporcionar e facilitar a realização de intervenções sem se limitar a apenas um espaço, e que as possibilidades são vastas e amplas, bastando a criatividade do professor para tornar real essas ideias.

Além de a tecnologia do datashow ser um facilitador, ressaltamos também a potencialização que o audiovisual de outras crianças brincando/dançando o Guerreiro Alagoano trouxe para a culminância do processo de ensino-aprendizagem. A mixagem das representações visuais dos chapéus, espadas, brilhos, miçangas, cores, bolas e espelhos, com a representação sonora da peça cantada, bem como com a representação gestual das pisadas das crianças retratadas no telão projetado na parede do ginásio, operou como uma catapulta dos corpos das crianças do lado de cá para levantarem-se, buscarem seus chapéus e espadas construídas no conjunto de encontros anteriores, e brincarem de Guerreiro entre si. Foi como estivessem diante de representações de si mesmos e, tal como definem Oliveira *et al.* (2021) esta linguagem, numa “sequência de ações ensaiadas mentalmente”, colocaram-se euforicamente a dançarem e experimentarem o todo da manifestação cultural popular alagoana. Aparentemente, as imagens e sons em projeção se comunicaram com a memória linguística manuseada, estimulada e





explorada nos encontros anteriores e fizeram a linguagem do Guerreiro Alagoano fazer todo sentido para elas. Os elementos e as linguagens finalmente ganharam significado de corpo inteiro, preenchido.

Vivenciar esses encontros trouxe reflexões e aprendizados dentro da prática docente. Mediar conflitos, flexibilizar propostas de intervenção de acordo com a imprevisibilidade das crianças fizeram parte do processo e nos ajudaram a ter a compreensão de que ser professor é estar em constante transformação.

Vale pontuar também que o resgate da cultura local não foi apenas um elemento desenvolvido com as crianças, mas também um movimento formativo para nós enquanto mediadores de conhecimento. Ao buscar na literatura, estudar e planejar encontros com o Guerreiro Alagoano como eixo central, ampliamos nosso próprio repertório cultural, além de fortalecer nossa compreensão da importância que essa manifestação tem para o estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções realizadas durante o estágio supervisionado permitiram concluir que a inserção da cultura do Guerreiro Alagoano na Educação Física Escolar não se limitou ao ensino de uma prática da cultura corporal, mas constituiu-se como um movimento de resistência contra o apagamento das brincadeiras de matriz popular. A experiência demonstrou que a Educação Física, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cumpre seu papel pedagógico quando utiliza o brincar como eixo central para a construção de relações e ampliação do repertório cultural. Durante essa vivência, foi possível notar as interações das crianças com os elementos apresentados e a maneira que elas deram significados durante as brincadeiras, entrando em concordância com a compreensão de Vygotsky (2009) acerca do papel da brincadeira, como um espaço de criação, no qual a criança reelabora suas experiências e constrói novas realidades a partir delas. Assim, brincar é imaginar em movimento, é transformar vivências em novas possibilidades de existência.

Partindo dessa premissa, observa-se neste estudo uma emancipação da Educação Física Escolar em relação ao modelo puramente esportivo. A escolha por jogos e brincadeiras funcionou como uma estratégia de ruptura com a cultura desportiva e competitiva. Ao priorizar o lúdico e o resgate da cultura alagoana, abriu-se um espaço de acolhimento onde as crianças ganharam autonomia para criar seus próprios objetos, movimentar-se e se expressar com liberdade. Assim, o foco deixou de ser o rendimento que exclui, passando a ser o fortalecimento dos vínculos sociais e a riqueza das interações





humanas. Mais do que isso, observamos a potencialidade de a Educação Física escolar e o ensino-aprendizagem de uma linguagem da cultura popular se constituir por processos didático-pedagógicos pautados em múltiplas linguagens.

Nesse processo, a escuta sensível mostrou-se elemento pontual da prática pedagógica. Dialogando com Silva (2025), inserir a escuta no processo educativo garante uma aprendizagem que respeita as necessidades e singularidades da criança, reconhecendo-a como sujeito pertencente ao meio escolar. Ao validar suas ideias e experiências, estabelece-se o diálogo como fundamento do ensino, fortalecendo o sentimento de pertencimento e participação ativa.

No que tange à formação docente, o estágio superou a visão de mera aplicação técnica de conteúdos, consolidando-se como um espaço de investigação, de reflexão sobre a prática e de manuseio de aportes teóricos como o da teoria das múltiplas linguagens. Os desafios enfrentados, como as mediações de conflitos e as negociações de gênero durante as brincadeiras, reforçaram a necessidade de uma prática pedagógica de diálogo e sensível às especificidades do contexto escolar.

Diante disso, torna-se fundamental ampliar a valorização da cultura regional no contexto escolar. O Guerreiro Alagoano não deve permanecer restrito às apresentações festivas ou aos registros históricos, precisa também ocupar espaços vivos na escola, sendo experimentado, ressignificado e incorporado pelas crianças em suas vivências cotidianas. Brincar de Guerreiro na Educação Física não é apenas uma escolha temática, mas um posicionamento pedagógico que reconhece a escola como espaço importante de preservação e produção cultural. Ao aproximar as crianças de suas próprias raízes, possibilita-se que elas não apenas conheçam a cultura de sua região, mas sejam parte dela. Espera-se que este relato inspire novas práticas que reconheçam e valorizem a cultura popular alagoana.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular de Alagoas: ensino fundamental**. Maceió, AL: SEDUC/AL; UNDIME/AL; CEE/AL; UNCME/AL, 2019.

ALMEIDA, Julia Caetano Cunha Moraes; CARDOSO, Débora da Silva. Potencial criativo na infância: implicações e perspectivas no chão da escola. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. **Anais...** Campina Grande, PB: Realize, 2023.

ANTUNES, Jeferson *et al.* Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Pemo**, v. 6, p. 1-31, 2024.





- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida; SILVA, Taline Cristina da.; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de Albuquerque. Observação participante e diário de campo: Como utilizar e como analisar? *In*: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de *et al.* (editores). **Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia**. Recife, PE: NUPEEA, 2021.
- FELDMAN, Iara; SOUZA, Mariane Lima de. A percepção da brincadeira de faz-de-conta por crianças de uma instituição da educação infantil. **Revista interinstitucional de psicologia**, v. 4, n. 1, p. 26-35, 2011.
- FONSECA, Paula Miño Oliveira da; BERSCH, Ângela Adriane Schmidt. Crianças, corporeidade e movimento: o pulsar da infância. **Horizontes**, v. 42, n. 1, p. 1-25, 2024.
- FREITAS, Vinícius Silva de; BAZHUNI, Rosayna Frota; LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. O professor de educação física integrando os recursos tecnológicos ao processo de ensino e aprendizagem. **Revista eletrônica pesquiseduca**. v. 15, n. 38, p. 385-400, 2023.
- LOPES, Maria Regina Sousa *et al.* A prática do planejamento educacional em professores de educação física: construindo uma cultura do planejamento. **Journal of physical education**, v. 27, p. 1-9, 2016.
- MACEIÓ. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial curricular de Maceió para o ensino fundamental**. Maceió, AL: Viva, 2020.
- MARQUES, Waldemar. O quantitativo e o qualitativo na pesquisa educacional. **Revista da avaliação da educação superior**, v. 2, n. 3, p. 19-23, 1997.
- MUNIZ, Catarina Maria Machado. **O guerreiro alagoano: histórias, memórias, cultura e patrimonialização entre os séculos XX e XXI**. 2023. 486f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2023.
- MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.
- OLIVEIRA, Ayra Lovisi *et al.* Representação dos licenciandos sobre estágio curricular supervisionado na Licenciatura em Educação Física. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-22, 2021.
- OLIVEIRA, Nathalia Dória *et al.* Linguagens e educação física na BNCC: uma análise a partir das habilidades prescritas. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 43, p. x-xx, 2021.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.





PIRES, Giovani De Lorenzi. Estágio supervisionado em educação física escolar: relatos e apontamentos como demandas à formação profissional. *In*: NASCIMENTO, Juarez Vieira do; FARIAS, Gelcemar Oliveira (Orgs.). **Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção**. Florianópolis, SC: UDESC, 2012.

SANTOS, Israel dos; ARAÚJO, Maria Brena Braga; SANTOS, José Ricardo Tomé dos. O resgate dos jogos e brincadeiras tradicionais no cotidiano de crianças da comunidade de Canaan. **Scientia generalis**, v. 3, n. 1, p. 215-227, 2022.

SILVA, Bruno Rogério Duarte da. As crianças e a cultura popular: um estudo das brincadeiras populares na educação infantil. **Diversitas journal**, v. 7, n. 2, p. 876-888, 2022.

SILVA, Juliana Gonçalves da. **Criar, cantar e dançar: reflexões etnográficas do Guerreiro – folgado alagoano**. 2015. 156f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2015

SILVA, Marizilda Araújo. O protagonismo infantil na educação infantil: a escuta atenta como caminho para a construção do conhecimento. **Revista ibero-americana de humanidades, ciências e educação**, v. 11, n. 8, p. 999-1009, 2025.

SOUZA, Iara Ferreira de. **“Eu sou alagoano, aonde o Guerreiro mora”**: uma etnografia sobre o compartilhamento de fotografias de guerreiro do arquivo etnográfico de Théo Brandão. 2019. 173f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2019.

THE ONLIFE INITIATIVE. **The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era**. Oxford, England: Springer Open, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.

---

### Gabriel Nunes da Costa

<https://orcid.org/0009-0005-0316-6289>

<https://lattes.cnpq.br/7257632126039869>

Universidade Federal de Alagoas (Maceió, AL – Brasil)

[gnunesc\\_015@hotmail.com](mailto:gnunesc_015@hotmail.com)





### Luiz Eduardo Ferreira dos Santos

<https://orcid.org/0009-0004-5457-420X>

<http://lattes.cnpq.br/4823078591134610>

Universidade Federal de Alagoas (Maceió, AL – Brasil)

[luiz.ferreira@iefe.ufal.br](mailto:luiz.ferreira@iefe.ufal.br)

### Renata Lamenha de Almeida

<https://orcid.org/0009-0005-1251-4409>

<https://lattes.cnpq.br/0930202999337293>

Universidade Federal de Alagoas (Maceió, AL – Brasil)

[renatalamenha394@gmail.com](mailto:renatalamenha394@gmail.com)

### Miraíra Noal Manfroi

<https://orcid.org/0000-0003-0135-0697>

<http://lattes.cnpq.br/4595217353463432>

Universidade Federal de Alagoas (Maceió, AL – Brasil)

[mirairamanfroi@gmail.com](mailto:mirairamanfroi@gmail.com)

### Silvan Menezes dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-8250-5891>

<http://lattes.cnpq.br/2939008930884704>

Universidade Federal de Alagoas (Maceió, AL – Brasil)

[silvan.santos@iefe.ufal.br](mailto:silvan.santos@iefe.ufal.br)

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

**Autor 1:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autor 2:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autora 3:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autora 4:** orientação e escrita conjunta do texto.

**Autor 5:** orientação e escrita conjunta do texto.





## FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

COSTA, Gabriel Nunes *et al.* A cultura do guerreiro alagoano na educação física escolar: uma experiência de intervenção no estágio supervisionado. **Corpoconsciência**, v. 30, e21121, p. 1-28, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21121>.

---

**Recebido em:** 27/02/2026

**Aprovado em:** 02/04/2026

**Publicado em:** 06/04/2026

